

Economia Criativa e Tecnologia Sociodigital na Zona Leste: Inclusão, Desenvolvimento e Desafios do Terceiro Setor

Ben Hur Toledo de Oliveira¹

Edicleia Veras Bonfim¹

Sabrina Trevisan Pogian¹

Thiago de Luca Sant'ana Ribeiro²

RESUMO: Este estudo investiga como empresas e organizações do terceiro setor da Zona Leste de São Paulo utilizam a economia criativa e as tecnologias sociodigitais para impulsionar inclusão social e desenvolvimento local. A pesquisa parte da importância dessas ferramentas como alternativas face às desigualdades urbanas e adota abordagem qualitativa e descritiva, com estudo de caso baseado em questionários e entrevistas. Foram realizadas nove entrevistas com voluntários de organizações não governamentais, por meio de formulário online. Os resultados mostram ampla diversidade no perfil dos voluntários, forte presença das ferramentas digitais na organização das ações e projetos que combinam geração de renda com valorização cultural. Apesar disso, persistem desafios como falta de infraestrutura digital, recursos financeiros limitados e carência de apoio governamental. A relação com a comunidade externa destaca o protagonismo de jovens e coletivos culturais na criação de soluções inovadoras e sustentáveis. Conclui-se que a integração entre criatividade e tecnologia fortalece redes locais e pode consolidar modelos de desenvolvimento mais inclusivos.

Palavras-chave: inclusão social; periferias urbanas; inovação comunitária; terceiro setor; desenvolvimento sustentável.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea passa por transformações significativas impulsionadas pelas tecnologias digitais e pelas novas formas de produção cultural, social e econômica. Nesse cenário, a economia criativa e as tecnologias sociodigitais assumem papel estratégico ao promover inclusão, inovação e desenvolvimento sustentável, sobretudo em territórios periféricos como a Zona Leste de São Paulo, marcada por desigualdades históricas em infraestrutura, mobilidade, conectividade e oportunidades. Apesar desses entraves, a região apresenta grande potencial criativo e colaborativo, evidenciado por coletivos culturais, startups de impacto social e organizações do terceiro setor, indicando que a convergência entre criatividade e tecnologia pode gerar soluções inovadoras para desafios urbanos complexos.

¹Graduando do curso de Gestão Empresarial - EaD. Fatec São Paulo;

² Professor Orientador do curso de Gestão Empresarial - EaD. Fatec São Paulo.

As startups têm exercido um papel relevante na retomada econômica e na geração de empregos na Zona Leste de São Paulo, promovendo inovação e novas oportunidades de trabalho especialmente após o período da pandemia.

A economia criativa pode ser compreendida como um conjunto de atividades que têm na criatividade, no conhecimento e na inovação seus principais insumos produtivos. Engloba setores como design, moda, música, audiovisual, artes cênicas, publicidade, arquitetura e tecnologia da informação. Segundo Howkins (2001), trata-se de um modelo econômico em que o capital intelectual se torna o principal ativo de geração de valor. Para Closs e Rocha-de-Oliveira (2017), a economia criativa representa uma alternativa relevante para o desenvolvimento de cidades e regiões periféricas, articulando geração de renda, valorização cultural e fortalecimento de identidades locais. Investir em iniciativas criativas significa, portanto, estimular crescimento econômico ao mesmo tempo em que se promove inclusão social e coesão comunitária.

Paralelamente, as tecnologias sociodigitais vêm modificando formas de comunicação, organização e mobilização social. Elas incluem redes sociais, plataformas colaborativas, aplicativos móveis e inteligência artificial aplicada a contextos sociais. De acordo com Lemos (2013), tornam-se sociodigitais à medida que se integram aos processos culturais e políticos das comunidades, funcionando como mediadoras de novos arranjos sociais e produtivos. Em contextos periféricos, tais recursos não apenas facilitam negócios comunitários e ampliam o alcance de projetos sociais, como também fortalecem a cooperação entre ONGs, empreendedores e coletivos culturais, consolidando um ecossistema inovador. O acesso à educação de qualidade para os jovens das regiões mais periféricas é extremamente importante, representando um divisor de águas em suas trajetórias, ao abrir portas para oportunidades de emprego e desenvolvimento pessoal, e contribuindo significativamente para a redução das desigualdades e o crescimento da região.

Esse contexto é particularmente evidente na Zona Leste de São Paulo, onde vivem mais de 4 milhões de habitantes e onde se observam sérios problemas de mobilidade, conectividade e acesso à cultura. No entanto, emergem na região experiências criativas e digitais protagonizadas por jovens empreendedores e lideranças locais, muitas das quais surgem como respostas às ausências do Estado

e às limitações do mercado formal, revelando a capacidade de inovação social das periferias urbanas. Persistem, entretanto, barreiras importantes, como desigualdade digital, baixo investimento público e privado, escassez de políticas públicas integradas e fragilidade de redes de apoio ao empreendedorismo criativo. Segundo o Cetic.br (2023), o acesso à internet em São Paulo ainda é desigual, afetando diretamente a inserção produtiva da população periférica. Diante desse cenário, o presente estudo parte do seguinte problema de pesquisa: de que maneira as iniciativas criativas atuantes na Zona Leste se organizam e cooperam para impulsionar inclusão social e desenvolvimento local em contextos de vulnerabilidade urbana? Busca-se compreender não apenas a dinâmica econômica envolvida, mas também os elementos de capital social, redes colaborativas e inovação sociocultural que estruturam o ecossistema criativo periférico, enfatizando o papel das tecnologias sociodigitais nesse processo.

Assim, este estudo tem como objetivo geral analisar como empresas e organizações do terceiro setor da Zona Leste utilizam a economia criativa e as tecnologias sociodigitais como instrumentos para o desenvolvimento local sustentável. Como objetivos específicos, propõe-se: (i) identificar boas práticas implementadas por organizações locais; (ii) compreender os principais desafios enfrentados; e (iii) investigar o alinhamento dessas ações com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), em especial o ODS 8 (trabalho decente e crescimento econômico) e o ODS 11 (cidades e comunidades sustentáveis). Dessa forma, evidencia-se a importância da integração entre economia criativa e tecnologias sociodigitais como fator potencializador de inovação social e econômica, articulando os setores público e privado e a sociedade civil.

A contribuição deste estudo apresenta-se em duas dimensões complementares. No âmbito teórico, busca suprir uma lacuna existente na literatura ao examinar de forma integrada a interface entre economia criativa, tecnologias emergentes e processos de desenvolvimento em contextos de periferias urbanas, oferecendo uma compreensão mais detalhada do papel das tecnologias sociodigitais na geração de valor local. No campo das políticas públicas, propõe-se fornecer subsídios analíticos e evidências que possam orientar a formulação de estratégias mais eficazes, fortalecendo o ecossistema criativo regional e consolidando ações que atendam de maneira mais consistente às necessidades das comunidades locais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A economia criativa como vetor de desenvolvimento inclusivo

A economia criativa vem se consolidando como alternativa estratégica para o desenvolvimento econômico e social, especialmente em territórios periféricos. Baseada no uso intensivo da criatividade, do conhecimento e da cultura como insumos produtivos, ela permite transformar capitais simbólicos e culturais em valor econômico e identidade coletiva. Como destacam Closs e Rocha-de-Oliveira (2017), trata-se de uma economia que integra dimensões sociais, culturais e econômicas, contribuindo para a geração de renda e coesão comunitária. O conceito ganhou força nos anos 1990, quando o governo britânico publicou o Creative Industries Mapping Document (DCMS, 1998), reconhecendo oficialmente o papel das indústrias criativas. No Brasil, foi institucionalizado em 2011 com a criação da Secretaria da Economia Criativa (Brasil, 2011), e posteriormente incorporado por políticas municipais, como as de São Paulo em 2013 (Cal, 2013), que buscaram fomentar a cultura e o empreendedorismo em regiões com vocação criativa, mas historicamente desassistidas. Essas ações refletem uma mudança de paradigma: a criatividade deixa de ser vista como um atributo individual e passa a ser entendida como ativo coletivo, capaz de impulsionar o desenvolvimento local.

2.2 Desafios e potencialidades nas periferias urbanas

Apesar do reconhecimento institucional, o avanço da economia criativa nas periferias enfrenta barreiras estruturais, como falta de financiamento, informalidade e ausência de políticas de suporte técnico. Carvalho (2023) aponta que, embora o potencial criativo dessas regiões seja notável, a desigualdade de acesso a recursos e infraestrutura continua limitando sua consolidação no mercado. Nesse cenário, as tecnologias sociodigitais assumem papel essencial ao permitir que empreendedores periféricos alcancem novos públicos e ampliem sua atuação. Oliveira e Mendes (2025) mostram que o uso de redes sociais, plataformas de venda e meios digitais de pagamento tem fortalecido iniciativas locais, embora a carência de capacitação e infraestrutura tecnológica ainda impeça sua plena inserção no ecossistema digital. Assim, o desenvolvimento criativo periférico depende não apenas da criatividade, mas

de políticas intersetoriais que garantam condições para sua sustentabilidade econômica e social.

2.3 Tecnologias sociodigitais e exclusão digital

A discussão sobre inclusão e exclusão digital é central para compreender os limites e as oportunidades da economia criativa. Castells (2003) já havia destacado que a sociedade em rede redefine a produção, o poder e a comunicação, criando formas de expressão e autonomia para grupos marginalizados. No entanto, como indicam o Cetic.br (2020) e Santos (2025), o acesso desigual à internet e à infraestrutura tecnológica mantém a periferia à margem dos benefícios dessa transformação. Esses autores convergem ao mostrar que a exclusão digital não é apenas técnica, mas social: ela reflete e reforça desigualdades históricas, restringindo o alcance de projetos culturais e empreendimentos criativos. Portanto, políticas de conectividade e capacitação digital tornam-se pré-requisitos para que a economia criativa cumpra seu papel de inclusão produtiva.

2.4 Abordagens metodológicas e políticas para o fortalecimento local

Milan Möller e Wobeto (2023) defendem que os estudos sobre economia criativa devem adotar metodologias qualitativas e participativas, capazes de captar as particularidades territoriais e os saberes locais. Essa perspectiva dialoga com Lemos (2024), que interpreta a economia criativa como lógica cultural de valorização das identidades e não apenas como setor econômico. Assim, compreender as práticas criativas exige aproximação com os atores comunitários e análise das redes colaborativas que sustentam o ecossistema. De forma complementar, Landry (2008) propõe o conceito de cidades criativas, nas quais a cultura e a inovação se tornam instrumentos de transformação urbana. Ribeiro (2024) amplia essa visão ao tratar das periferias inteligentes, espaços em que tecnologias e recursos locais se combinam para gerar soluções inclusivas. Esses enfoques reforçam que a economia criativa deve ser acompanhada de políticas públicas integradas — envolvendo Estado, terceiro setor e iniciativa privada — que associem criatividade, sustentabilidade e inclusão social.

2.5 O papel do terceiro setor e das experiências locais

O terceiro setor emerge como ator-chave na construção de ecossistemas criativos periféricos. Santos e Almeida (2024) destacam que organizações comunitárias e ONGs atuam como mediadoras entre o poder público e a população, articulando redes de cooperação e fortalecendo iniciativas locais. Cavalcante (2021), ao estudar o Projeto Ressignifica em Recife, observou que o apoio institucional a empreendedores criativos em situação de vulnerabilidade pode gerar impactos sociais expressivos. Essa constatação dialoga com Evelle (2018), que enfatiza o potencial inovador das periferias, frequentemente invisibilizado pela falta de reconhecimento e investimento. No entanto, como alerta Santos (2025), o êxito dessas ações depende do acesso digital e da consolidação de políticas contínuas de formação e infraestrutura.

2.6 Criatividade, identidade cultural e sustentabilidade

A economia criativa não se limita ao aspecto econômico: ela também é um instrumento de preservação e valorização cultural. Reis (2008) argumenta que a criatividade aplicada ao território urbano fortalece identidades locais e cria novas dinâmicas de desenvolvimento. Bakhshi, Freeman e Higgs (2013) complementam essa visão, destacando o papel das indústrias criativas na inovação e na competitividade global. Essas dimensões dialogam diretamente com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), em especial o ODS 8 e o ODS 11. Segundo a UNESCO (2021), o setor criativo representa mais de 3% do PIB mundial e gera cerca de 30 milhões de empregos, demonstrando sua relevância para o crescimento econômico sustentável e a inclusão social — inclusive em países emergentes como o Brasil.

2.7 Síntese analítica

A literatura revisada mostra que a economia criativa, quando articulada às tecnologias digitais e a políticas públicas inclusivas, possui forte potencial para impulsionar o desenvolvimento local e a coesão social. Contudo, a efetivação desse potencial depende da redução da exclusão digital, do fortalecimento de redes

comunitárias e da consolidação de políticas de apoio técnico e financeiro. Em síntese, a criatividade periférica é uma potência de transformação — mas somente se acompanhada de infraestrutura, reconhecimento institucional e estratégias integradas de desenvolvimento sustentável.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de Pesquisa

A pesquisa foi de natureza qualitativa e descritiva, com o objetivo de compreender como a economia criativa e o uso de tecnologias digitais influenciam o desenvolvimento local em contextos periféricos. Essa abordagem possibilitou interpretar os significados que os participantes atribuem às suas práticas, enquanto a descrição auxiliou na identificação de padrões, tendências e desafios enfrentados pelos atores locais (Milan; Möller; Wobeto, 2023; Gil, 2019). Observou-se, registrou-se e analisou-se os fenômenos sem interferir neles, construindo um panorama fiel da realidade estudada.

3.2 Abordagem da Pesquisa

O estudo adotou o estudo de caso coletivo, considerando as experiências de nove voluntários atuantes em diferentes organizações de caráter social, comunitário e educacional na Zona Leste de São Paulo. Essa estratégia permitiu compreender o fenômeno de forma ampliada, a partir de múltiplas vivências que compartilham um mesmo contexto territorial e sociotecnológico. Conforme sintetizado na literatura sobre Stake, “o estudo de caso coletivo é voltado para a representação de um grupo, em que são estudados os casos individualmente e escolhidas as características mais relevantes” (Walter; Colla; Klein, 2021). Esse enquadramento metodológico dialoga com a perspectiva de aprofundamento contextual e comparação entre casos para a identificação de padrões e especificidades (Yin, 2015; Stake, 2005).

3.3 População e Amostra

A população estudada consistiu em voluntários ativos em organizações de apoio comunitário, com atuação em áreas como assistência social, educação inclusiva e mobilização comunitária. Foram obtidas nove respostas válidas ao questionário, número considerado suficiente por atender ao critério de saturação teórica, ou seja, quando as informações passam a se repetir e não acrescentam novos elementos relevantes à análise (Flick, 2009).

3.4 Instrumento de Coleta de Dados

A coleta de informações ocorreu por meio de questionário online com perguntas abertas, como mostra a Tabela 1 abaixo, alinhado à perspectiva qualitativa, que privilegia a compreensão do ponto de vista dos sujeitos (Minayo, 2023; Marconi; Lakatos, 2021). As perguntas exploraram experiências de voluntariado, uso de recursos digitais, percepções sobre desafios e contribuições do trabalho para a comunidade. Também foram incluídas questões demográficas básicas para caracterização do perfil dos participantes, abordando idade, gênero, escolaridade, área de atuação, tempo de envolvimento e tipo de vínculo (voluntário ou contratado).

Tabela 1 – Roteiro de perguntas do questionário

Nº	Questão	Referência
1	Conte como começou a atuar como voluntário(a) nessa ONG.	Pinochet et al., 2020
2	O que fez você querer ajudar na comunidade?	Pinochet et al., 2020
3	Você usa internet, redes sociais ou celular para ajudar no trabalho voluntário? Pode me dar um exemplo?	Pinochet et al., 2020
4	Teve apoio ou treinamento para usar essas ferramentas (computador, internet, celular)?	Iniciativa Pipa, 2022
5	Teve alguma dificuldade com equipamento ou com entender como usar?	Carvalho, 2023
6	O que mais atrapalhava sua participação: deslocamento, falta de recursos, comunicação, falta de tempo?	Iniciativa Pipa, 2022
7	E se pudesse mudar uma coisa para que fosse mais fácil ajudar, o que seria?	Pinochet et al., 2020
8	O que, na sua opinião, a comunidade precisa mais (internet, cultura, capacitação, espaço...)?	Nova Brasil FM, 2023
9	Você acha que seu trabalho voluntário trouxe algum resultado para a comunidade? Como acha que impactou?	WikiFavelas, 2020

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

3.5 Caracterização das Organizações Participantes

Embora os nomes das organizações não sejam divulgados, foi possível identificar que os voluntários atuam em instituições com perfis semelhantes:

Organizações de assistência social local: promovem apoio a famílias em situação de vulnerabilidade, distribuição de donativos, campanhas solidárias e ações comunitárias voltadas à inclusão social.

Entidades ligadas a instituições religiosas: mantêm departamentos dedicados à assistência social e mobilização de voluntários, desenvolvendo projetos educativos, humanitários e de cidadania.

Associações civis sem fins lucrativos: realizam projetos comunitários colaborativos e ações sociais, com foco em educação, capacitação e desenvolvimento local sustentável.

Essas organizações operam de forma descentralizada, mas estruturada, permitindo o engajamento de voluntários e a implementação de iniciativas que articulam tecnologia, cultura e participação comunitária.

3.6 Plano de Coleta de Dados

A coleta foi realizada em duas etapas: Primeira etapa, através da aplicação de questionários online aos voluntários, com foco na captura das experiências individuais e percepções sobre o uso de tecnologias digitais, desafios enfrentados e impactos das atividades nas comunidades atendidas.

A coleta de dados foi realizada entre os dias 25 de setembro e 06 de outubro de 2025, através de formulário digital.

Segunda etapa, através de observações indiretas e análise documental, utilizando informações públicas disponíveis em sites institucionais, redes sociais e relatórios das organizações, para complementar a caracterização das áreas de atuação e formas de engajamento dos voluntários.

3.7 Análise dos Dados

Os dados textuais foram analisados por meio da análise de conteúdo (Bardin, 2016), metodologia que permite identificar categorias temáticas, padrões e

recorrências nos discursos. Adotou-se a análise categorial de base temática, articulando categorização e interpretação para compreender:

- A forma como experiências em economia criativa e tecnologias digitais promovem inclusão, renda e desenvolvimento local;
- Os principais desafios enfrentados pelos voluntários, como falta de recursos, infraestrutura, capacitação e conectividade;
- A relação entre as iniciativas observadas e políticas públicas, bem como com o potencial de transformação social das comunidades.

Seguiu-se as três etapas recomendadas por Bardin (2016): pré-análise (organização do material e formulação de hipóteses), exploração do material (codificação e categorização) e tratamento e interpretação dos resultados (inferências articuladas ao referencial teórico).

A análise contemplou também observações indiretas sobre a atuação das organizações, como áreas de foco, estratégias de mobilização de voluntários e projetos de caráter comunitário, garantindo consistência e valorizando as experiências relatadas pelos participantes.

4 RESULTADOS

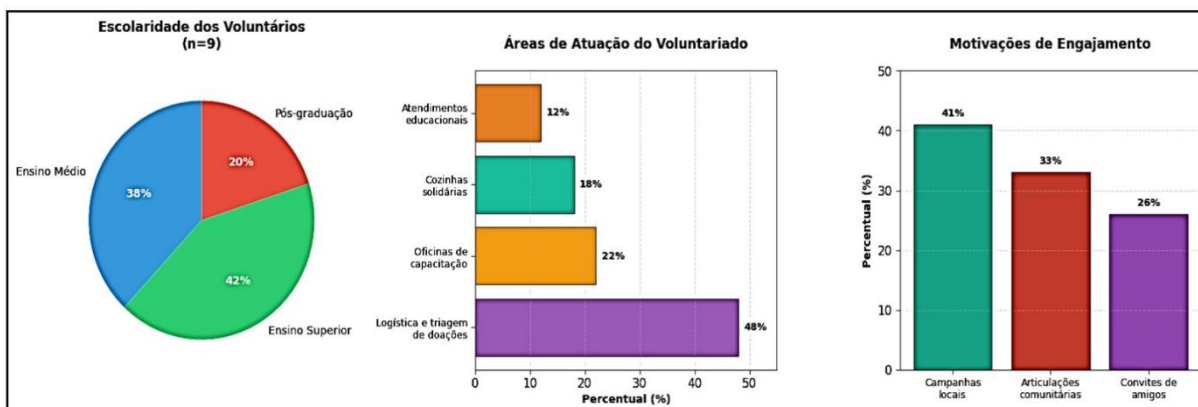
4.1 Perfil das ONGs e dos voluntários

Com base nas respostas coletadas, é possível identificar resultados que evidenciam a relevância da economia criativa e da tecnologia sociodigital no fortalecimento do trabalho voluntário realizado na Zona Leste de São Paulo.

Os dados revelam um grupo heterogêneo de voluntários, composto tanto por jovens quanto por adultos, com idades entre 27 e 50 anos. Do total de respondentes, 38% possuem ensino médio completo, 42% ensino superior e 20% pós-graduação, evidenciando níveis variados de escolaridade. No entanto, conforme apresentado nos gráficos da Figura 1, nota-se menor presença de pessoas com ensino fundamental, o que sugere limitação no alcance a grupos em maior vulnerabilidade educacional. As áreas de atuação também se mostram diversificadas: 48% em logística e triagem de doações; 22% em oficinas de capacitação; 18% em cozinhas solidárias; e 12% em atendimentos educacionais especializados, além de ações emergenciais. O engajamento inicial dos participantes foi motivado sobretudo por campanhas locais

(41%), articulações comunitárias (33%) e convites de amigos (26%), demonstrando que valores como solidariedade e pertencimento ainda são forças mobilizadoras significativas.

Figura 1 – Distribuição dos voluntários segundo escolaridade, área de atuação e motivação de engajamento.

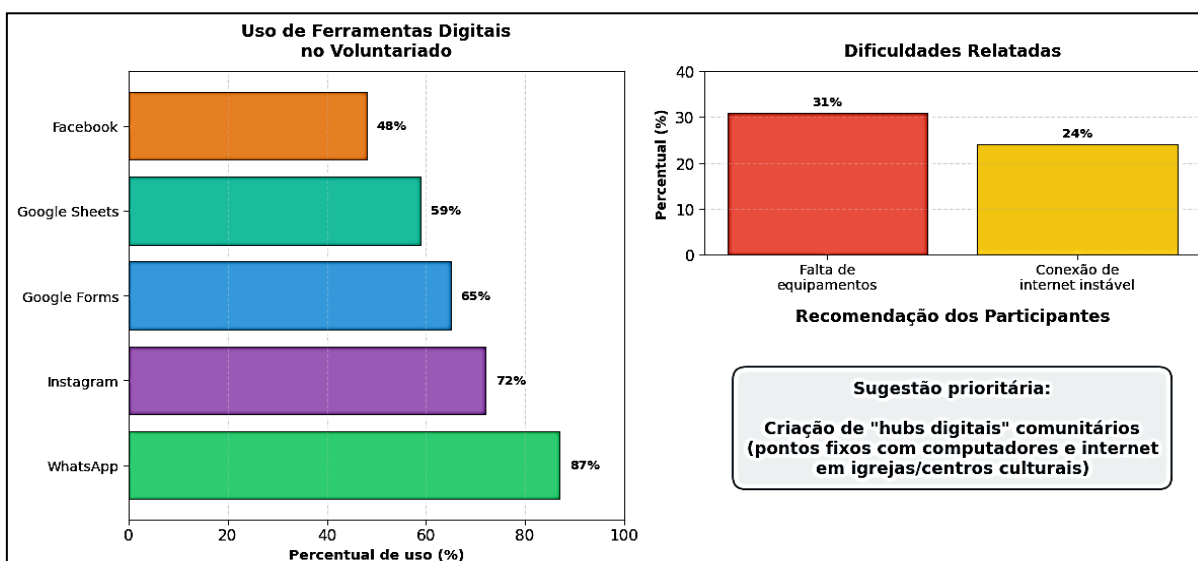


Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

4.2 Uso de tecnologias sociodigitais no voluntariado

A Figura 2 mostra como as ferramentas digitais ocupam papel central na organização do voluntariado.

Figura 2 – Uso de ferramentas digitais, dificuldades relatadas e recomendações dos voluntários.



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

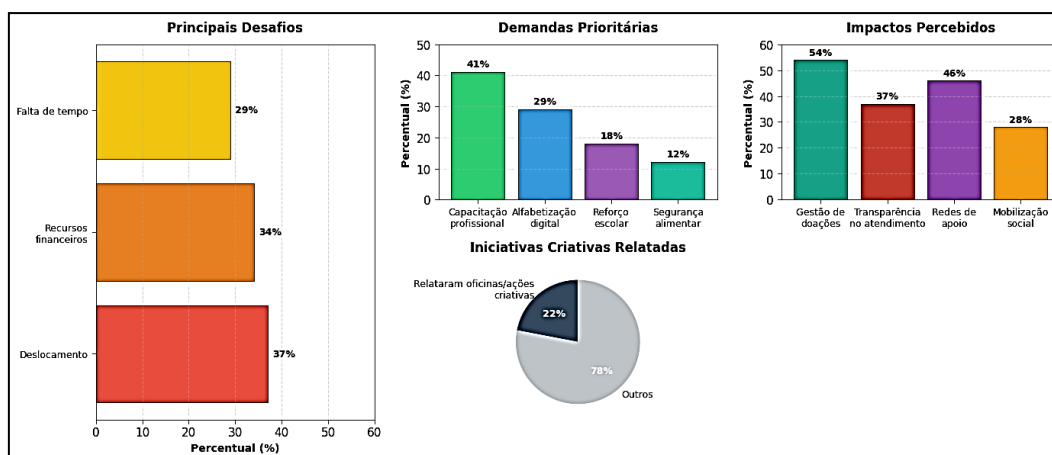
Os participantes destacaram o uso cotidiano de aplicativos e plataformas como WhatsApp (utilizado por 87% dos respondentes), Google Forms (65%), Google Sheets (59%), além das redes sociais Instagram (72%) e Facebook (48%). Essas ferramentas são empregadas para organizar escalas, cadastrar beneficiários e divulgar campanhas.

Cerca de 31% dos voluntários relataram falta de equipamentos adequados e 24% instabilidade da conexão de internet. Entre as sugestões, foi sugerido a criação de pontos fixos com computadores e internet em espaços comunitários, como igrejas ou centros culturais, que funcionariam como “hubs digitais”.

4.3 Demandas, impactos e iniciativas criativas

Entre os desafios mais mencionados pelos voluntários foram o deslocamento (37%), a falta de tempo (29%) e a escassez de recursos financeiros (34%). As demandas prioritárias apontadas foram capacitação profissional (41%), alfabetização digital (29%), reforço escolar (18%) e segurança alimentar (12%). Quanto a impactos percebidos, os voluntários citaram melhoria na gestão das doações (54%), maior transparência no atendimento às famílias (37%), fortalecimento das redes de apoio (46%) e ampliação da mobilização social (28%). Destacam-se iniciativas que aliam geração de renda e expressão criativa (ex.: oficinas de artesanato e ações culturais reportadas por 22% dos voluntários), conforme mostra a Figura 3.

Figura 3 - Desafios, demandas prioritárias e impactos percebidos no voluntariado comunitário.



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

4.4 Perfil e engajamento à luz da literatura

A heterogeneidade etária e educacional dos voluntários, somada à diversidade de frentes de atuação, confirma o voluntariado como espaço plural e comunitário, coerente com análises de engajamento social (Oliveira; Silva Junior, 2013; Martins; Silva, 2018). A menor presença de pessoas com ensino fundamental, no entanto, sugere barreiras de acesso que podem estar associadas a capital escolar, tempo disponível e habilidades digitais, indicando a necessidade de estratégias de inclusão ativa nessas camadas, especialmente em contextos periféricos.

5 DISCUSSÃO

5.1 Tecnologias, inclusão e barreiras estruturais

A alta adesão a aplicativos de comunicação e colaboração reforça o papel das tecnologias como infraestrutura social de organização (Castells, 2003). As dificuldades relatadas — equipamentos insuficientes e conexão instável — evidenciam que a exclusão digital permanece como um desafio de natureza técnica e social (Cetic.br, 2020; Santos, 2025). A proposta de “hubs digitais” em espaços comunitários emerge como resposta prática, articulando conectividade, capacitação e apoio operacional local, o que reforça o argumento de Novaes e Soares (2020) de que a democratização das tecnologias ainda enfrenta barreiras estruturais e que ações de inclusão digital, quando mapeadas, potencializam a eficácia do voluntariado e a sustentabilidade das redes.

Além das condições materiais, há também um componente simbólico e político na exclusão digital. O acesso às tecnologias não se restringe à disponibilidade de infraestrutura, mas envolve apropriação crítica, confiança institucional e reconhecimento do valor social da conectividade (Lima; Peralta, 2023). Em muitos contextos periféricos, a política pública de inclusão digital ainda se apresenta como ação compensatória, e não como eixo estruturante do desenvolvimento local. Assim, o simples fornecimento de dispositivos ou internet não assegura a participação cidadã plena. É a articulação entre Estado, terceiro setor e comunidade que permite transformar o acesso em pertencimento digital, promovendo autonomia e ampliando o capital social das redes comunitárias.

5.2 Demandas, ODS e implicações para o terceiro setor

As prioridades elencadas (capacitação profissional, alfabetização digital, reforço escolar e segurança alimentar) dialogam diretamente com objetivos de desenvolvimento local sustentável (Medeiros et al., 2022). Do ponto de vista do terceiro setor, os resultados sugerem que programas integrados — combinando formação profissional com letramento digital e apoio socioeducativo — podem ampliar impactos, fortalecer redes e criar trajetórias de trabalho decente, coadunando-se com metas de cidades e comunidades mais inclusivas (UNESCO, 2021). As iniciativas criativas relatadas mostram um caminho concreto: quando associadas a gestão eficiente e suporte tecnológico, elas geram renda, reconhecimento cultural e coesão social, reforçando o potencial transformador do ecossistema criativo em territórios periféricos (Silva; Oliveira, 2024; Geovanna et al., 2024).

Ao alinhar suas práticas às metas dos ODS, as organizações do terceiro setor também enfrentam o desafio de mensurar impactos de forma integrada, considerando dimensões econômicas, educacionais, ambientais e culturais (ONU, 2023). A consolidação de metodologias avaliativas participativas pode fortalecer o protagonismo das comunidades atendidas, gerando dados mais contextualizados e políticas mais responsivas. Isso desloca o terceiro setor de uma lógica assistencial para uma abordagem de coprodução de valor público, na qual a tecnologia funciona como mediadora entre solidariedade e inovação social. Dessa forma, o avanço em direção aos ODS depende não apenas da execução de projetos, mas da capacidade de transformar práticas locais em referências sustentáveis e replicáveis em outros territórios.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo examinou como organizações do terceiro setor e iniciativas comunitárias na Zona Leste de São Paulo articulam economia criativa e tecnologias sociodigitais para promover inclusão social e desenvolvimento local. Com base em abordagem qualitativa, combinando estudo de caso e questionário aberto a voluntários, delinear-se três eixos centrais: perfil e engajamento dos participantes, emprego de tecnologias digitais no cotidiano das ações e demandas e impactos percebidos nas comunidades atendidas. Os resultados revelam um voluntariado

heterogêneo em idade e escolaridade, distribuído por múltiplas frentes (logística de doações, oficinas de capacitação, cozinhas solidárias e atendimentos educacionais), configurando um ecossistema plural e colaborativo. As tecnologias sociodigitais — sobretudo aplicativos de comunicação, formulários e planilhas on-line — mostraram-se estruturantes para organizar escalas, registrar atendimentos e divulgar campanhas, embora persistam barreiras de acesso a equipamentos e conectividade. As principais demandas apontadas — capacitação profissional, alfabetização digital, reforço escolar e segurança alimentar — reforçam a necessidade de políticas e práticas integradas que articulem apoio socioeducativo, geração de renda e participação cidadã.

Analiticamente, os achados convergem com a literatura que reconhece o voluntariado como espaço de construção de laços e cidadania e confirmam o papel das tecnologias como infraestrutura social. Ao mesmo tempo, evidenciam que a exclusão digital permanece como fator limitante, de natureza técnica e social, exigindo estratégias territorializadas de conectividade e formação. As iniciativas criativas identificadas, como oficinas e ações culturais, oferecem caminhos concretos para articular identidade, renda e desenvolvimento, em diálogo com os ODS 8 (trabalho decente e crescimento econômico) e 11 (cidades e comunidades sustentáveis). Como contribuição prática, o estudo aponta a relevância de implantar hubs digitais comunitários com acesso à internet, dispositivos e suporte técnico; desenvolver programas integrados de capacitação profissional alinhados ao letramento digital; fortalecer a gestão do voluntariado por meio de cadastros, indicadores e transparência para ampliar impacto e sustentabilidade; e fomentar iniciativas de economia criativa que valorizem a cultura local e gerem oportunidades em rede, potencializadas por parcerias entre terceiro setor, poder público, universidades e setor privado.

Em síntese, a integração entre criatividade e tecnologia, quando amparada por infraestrutura, formação e redes colaborativas, tende a fortalecer o protagonismo comunitário e a produzir respostas mais consistentes aos desafios socioeconômicos das periferias urbanas. Consolidar essa agenda requer investimentos contínuos em conectividade, qualificação e governança em rede, de modo a transformar iniciativas promissoras em políticas e práticas duradouras de desenvolvimento inclusivo.

Reconhecem-se, contudo, limitações do estudo: amostra restrita e recorte territorial específico que limitam a generalização estatística; dados autorreferidos sem triangulação sistemática com métricas operacionais; coleta em janela única, sem

captar variações temporais; restrições de confidencialidade institucional que impedem comparações por perfil organizacional; e ausência de mensuração técnica objetiva de conectividade e dispositivos.

Para pesquisas futuras, sugerem-se a ampliação e diversificação da amostra, incluindo beneficiários; o uso de métodos mistos com triangulação entre entrevistas, grupos focais e indicadores quantitativos; avaliações de impacto quase-experimentais ou com séries temporais de oficinas e hubs digitais; diagnósticos técnicos de conectividade (acesso, velocidade, estabilidade e dispositivos); estudos comparados entre territórios periféricos; e investigação de modelos de sustentabilidade e governança em rede, com ênfase em parcerias e indicadores.

REFERÊNCIAS

BAKHSHI, Hasan; FREEMAN, Alan; HIGGS, Peter. **A dynamic mapping of the UK's creative industries**. London: NESTA, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.

BRASIL. **Ministério da Cultura. Secretaria da Economia Criativa**. Plano da Secretaria da Economia Criativa. Brasília, 2011.

CAL, Francisco. **São Paulo ganha projeto de economia criativa**. Prefeitura de São Paulo, São Paulo, 18 jan. 2013. Disponível em: <https://capital.sp.gov.br/web/desenvolvimento/w/noticias/49901>. Acesso em: 23 mar. 2025.

CARVALHO, Anna Julia; SILVA, Nathaly Pires da; OKANO, Marcelo T. **Voluntariado e tecnologia: a tecnologia como ferramenta de desenvolvimento social**. South American Development Society Journal, v. 9, n. 27, p. 254–269, 2023. Disponível em: <https://www.sadsj.org/index.php/revista/article/view/665/515>. Acesso em: 25 set. 2025.

CARVALHO, Gabrielly Santos. **A dificuldade das empresas do extremo leste de São Paulo de crescerem no mundo empresarial**. [S.l.]: Centro Paula Souza, 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Técnico em Administração) – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Disponível em: https://ric.cps.sp.gov.br/bitstream/123456789/16462/1/adm_2023_novotec_gabriellys_antoscarvalho_a_dificuldade.pdf. Acesso em: 11 jun. 2025.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura; v. 1).

CAVALCANTE, Carla Guedes Porfírio. **Empreendedorismo e economia criativa nas comunidades do Recife: análise e avaliação do Projeto Ressignifica do**

Porto Digital e British Council. 2021. Dissertação (Mestrado em Indústrias Criativas) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2021.

CETIC.br. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC Domicílios 2019**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2020. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic_dom_2019_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 23 mar. 2025.

CLOSS, Lisiane; ROCHA-DE-OLIVEIRA, Sidinei. **Economia criativa e territórios usados: um debate baseado nas contribuições de Milton Santos**. Cadernos EBAPE.BR, v. 15, n. 2, p. 349–363, abr./jun. 2017.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GEOVANNA, Caroline; VINCI, Laura; GERMANO, Luma; BARBOSA, Maria Eduarda; TOLEDO, Thalysa. **Transformação social: gestão eficiente do voluntariado**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Técnico em Administração) – ETEC de Hortolândia. Disponível em: http://ric-cps.eastus2.cloudapp.azure.com/bitstream/123456789/33324/1/Administracao_2024_2_CarolineGeocanna_Transformacao%20social%20Gestao%20eficiente%20do%20voluntariado.pdf. Acesso em: 29 set. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOWKINS, John. **The creative economy: how people make money from ideas**. London: Penguin, 2001.

INICIATIVA PIPA. **Periferias e filantropia: as barreiras de acesso aos recursos no Brasil**. 2022. Disponível em: <https://www.iniciativapipa.org/post/periferias-e-filantropia-as-barreiras-de-acesso-aos-recursos-no-brasil>. Acesso em: 2 set. 2025.

LANDRY, Charles. **The creative city: a toolkit for urban innovators**. London: Earthscan, 2008.

LEMONS, Carlos. **Economia criativa e identidade cultural: uma abordagem territorial**. Revista Desenvolvimento em Debate, v. 10, n. 1, p. 45–60, 2024.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, José de Souza; SILVA, Ana Paula da. **Sociologia da vida comunitária**. São Paulo: Contexto, 2018.

MEDEIROS, Aira Gomes; KORITIAKE DA CARREIRA, João Vitor Rocha; BARROS, Ademar da Silva; COSTA, Aline Cristina Gomes da. **Desigualdade socioespacial e direito à cidade: mobilidade urbana e qualidade de vida na cidade de São Paulo – SP**. Encontro de Gestão e Tecnologia (ENGETEC), 2022. Disponível em:

https://www.fateczl.edu.br/engetec/engetec_2022/5_EnGeTec_paper_153.pdf.

Acesso em: 30 set. 2025.

MILAN, Patrícia; MÖLLER, Gustavo; WOBETO, Maurício. **Métodos e técnicas de pesquisa para economia criativa e da cultura**. São Paulo: Editora XYZ, 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

NASCIMENTO, Daniela Silva. **A educação remota e seus impactos nos excluídos das mídias e tecnologias na periferia**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Tocantins. Disponível em: <https://umbu.uft.edu.br/bitstream/11612/4915/1/tcc%20daniela%20final.pdf>. Acesso em: 29 set. 2025.

NOVA BRASIL FM. **Economia criativa nas periferias: projetos que transformam comunidades**. NovaBrasil FM, 2023. Disponível em: <https://novabrasilfm.com.br/arte-e-cultura/economia-criativa-nas-periferias-projetos-que-transformam-comunidades>. Acesso em: 2 set. 2025.

NOVAES, Henrique; SOARES, Maria Clara. **Tecnologias sociodigitais e inclusão social: perspectivas para o desenvolvimento local**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

OLIVEIRA, Daniel; MENDES, Ana Clara. **Tecnologias sociodigitais e inclusão produtiva nas periferias urbanas**. Cadernos de Inclusão Digital, v. 4, n. 1, p. 22–39, 2025.

OLIVEIRA, Jailson Ribeiro de; SILVA JUNIOR, Samuel Gomes da. **Atuação das organizações não governamentais – relação com o perfil dos atores e gestores**. 2013. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos13/29518608.pdf>. Acesso em: 29 set. 2025.

PINOCHET, L. H. C et al. **Digital volunteering through social innovation: the ribbon case study**. Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios, v. 15, p. 1-17, 2022. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4417/441772079011/html/>. Acesso em: 2 set. 2025.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Economia da cultura e desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Manole, 2008.

RIBEIRO, Jaqueline. **Periferias inteligentes: criatividade, território e inovação social**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 26, n. 1, p. 1–18, 2024.

SANTOS, Kelvin Boaventura Cavalcante dos. **O padrão da exclusão sociodigital nas periferias em meio ao desenvolvimento da economia criativa em Salvador**. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal da Bahia, 2025.

SANTOS, Luciana; ALMEIDA, Tiago. **Organizações do terceiro setor e economia criativa: desafios e perspectivas**. Revista do Terceiro Setor, v. 15, n. 2, p. 87–102, 2024.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 23. ed. Campinas: Autores Associados, 2022.

SILVA, Diogo José Loureiro da. **Os impactos sociais do voluntariado – estudo de caso da Sopro**. 2023. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Minho, 2023.

SILVA, Maria; OLIVEIRA, João. **Economia criativa nas periferias: notas sobre inclusão e renda**. Revista XYZ, v. 12, n. 2, 2024.

UNESCO. **Re|Shaping policies for creativity: addressing culture as a global public good**. Paris: UNESCO, 2021.

WALTER, S. A.; COLLA, P. E. B.; KLEIN, S. B. **O caso da abordagem de estudos de casos: elementos, convergências e divergências entre Yin, Eisenhardt e Stake**. Revista Administração em Diálogo (PUC-SP), v. 23, n. 1, p. 122–135, 2021. DOI: 10.23925/2178-0080.2021v23i1.49136.

WIKIFAVELAS. **Mapeamento da economia criativa enquanto tecnologia social**. Rio de Janeiro: Wikifavelas, 2020. Disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php/Mapeamento_da_economia_criativa_enquanto_tecnologia_social_%28artigo%29. Acesso em: 2 set. 2025.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.